

EDUCAR É INCLUIR: PRÁTICAS E VIVÊNCIAS NA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

Silvana Onorato Vieira da Penha¹

Elaine de Faria Michele Silva²

Regina Maria Machado³

Diego da Silva⁴

RESUMO: Este relatório descreve as observações realizadas durante o estágio supervisionado em Psicologia do Desenvolvimento, com foco em alunos do Ensino Fundamental II, com idades em torno de 11 anos, incluindo casos de Dislexia, Disgrafia, Discalculia, dificuldades de processamento auditivo e Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foram observadas práticas pedagógicas que buscam atender à diversidade de necessidades educativas, utilizando métodos e estratégias como o uso de recursos digitais, jogos de tabuleiro e a Taxonomia de Bloom. Este estudo teve como objetivo compreender como as práticas educacionais podem ser ajustadas para promover a inclusão e o desenvolvimento de alunos com necessidades especiais, destacando as contribuições da psicologia do desenvolvimento na prática escolar.

Palavras-chave: Estágio em Psicologia do Desenvolvimento. Educação Inclusiva. Estratégias Pedagógicas.

2219

I INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como objetivo relatar as observações realizadas no estágio supervisionado de Psicologia do Desenvolvimento, focando nas práticas pedagógicas voltadas ao atendimento de alunos com necessidades educativas especiais. O estágio foi realizado no Colégio Estadual Santa Rosa, com alunos de 11 anos diagnosticados com Dislexia, Disgrafia, Discalculia, Dificuldades de processamento auditivo e Transtorno do Espectro Autista (TEA). A relevância deste trabalho está na compreensão de como a psicologia do desenvolvimento pode contribuir para práticas pedagógicas mais inclusivas e eficazes, respeitando as particularidades de cada aluno e promovendo seu desenvolvimento cognitivo e social.

¹Discente do curso de Psicologia da UniEnsino.

²Docente do curso de Psicologia da UniEnsino.

³Coordenadora e docente do curso de Psicologia da UniEnsino.

⁴Docente do curso de Psicologia da UniEnsino.

2 DESCRIÇÃO GERAL DAS PRÁTICAS REALIZADAS

As observações foram realizadas em uma turma de crianças com idade, entre dez e onze anos do Ensino Fundamental, com carga horária cinco horas diárias, total de 20 horas. Durante esse período, foi possível acompanhar a atuação da professora (Docente - letras, Psicóloga, etc.), que utilizou uma série de estratégias de ensino diversificadas, como o uso de recursos educacionais digitais, jogos de tabuleiro e atividades que estimulavam as múltiplas inteligências. Conforme os estudos de Gardner (1995).

É importante destacar quanto as práticas docente que também utilizou a Taxonomia de Bloom como estrutura pedagógica, promovendo atividades que respeitavam os diferentes níveis cognitivos dos alunos. Essas práticas visaram promover uma aprendizagem inclusiva e adaptada às necessidades dos alunos com diagnósticos diversos, contemplando as necessidades específicas de cada estudante.

Resalva que “os estágios são realizados na Sala de Recursos Multifuncional da escola cedente”. No primeiro dia, o foco foi estabelecer um vínculo de comunicação verbal, a escuta ativa e colaboração participativa nas práticas lúdicas (como jogos, desafios de matemática e língua portuguesa, habilidade sócio emocional) utilizando os recursos educacionais digitais com os alunos, a professora e direção escolar, equipe pedagógica; “além da prática de observação, empatia, respeito e ética profissional, enfatizando o trabalho pedagógico inclusivo”.

Há intervalos de quinze minutos. Esse período ocorre sempre às dez horas da manhã para as crianças e docentes lanchar, socializar ou ir ao banheiro. No segundo dia, na sala de recurso, o estágio foi desenvolver a estrutura do relatório escrito com a supervisão da professora titular que realizava horas atividade.

No terceiro e quarto dia de estágio, além de poder acompanhar o processo de desenvolvimento trabalhado pela professora e acompanhá-la de perto na sua pró-atividade; procurei enfatizar mais a escuta ativa, a observação, o diálogo, e ajudá-la nas atividades e interações dos alunos com a metodologia de ensino; também finalizar do trabalho do relatório escrito.

E o quinto e último dia, ficou projetado para um momento direcionado à reflexão, descontração e agradecimento à diretora da escola pela oportunidade do

estágio, também, a professora da sala de recurso, ela mostrou-me não só as ferramentas de trabalho, mais o amor pela profissão, empatia e paciência contribuindo em muito para o meu desenvolvimento profissional (observação no olhar, na escuta, empatia, paciência e criatividade).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O desenvolvimento infantil é um processo multifacetado, que envolve aspectos biológicos, cognitivos, emocionais e sociais. Piaget (1976) aponta que o desenvolvimento cognitivo ocorre em estágios e depende da interação entre o sujeito e o meio. Vygotsky (2007), por sua vez, enfatiza a importância da interação social e da linguagem no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Wallon (2007) destaca a relação entre emoção, ação e pensamento no desenvolvimento infantil. Além disso, Gardner (1995) defende que as inteligências múltiplas devem ser valorizadas para garantir um ensino mais inclusivo. A Taxonomia de Bloom (1972) foi uma referência prática na observação, onde os alunos foram incentivados a recordar, compreender e aplicar o conteúdo de forma progressiva e adaptada às suas necessidades.

2221

3.1 CONCEITOS RELACIONADOS ÀS NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

A Dislexia é um transtorno específico da aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizado por dificuldades no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra escrita e por uma fraca habilidade de decodificação e soletração. Essas dificuldades resultam geralmente de um déficit no componente fonológico da linguagem (CAPELLINI; GERMANO, 2004).

A Disgrafia é uma disfunção da coordenação motora fina que afeta a escrita manual, dificultando a organização espacial das letras, o alinhamento e a legibilidade do texto. Está frequentemente associada à dislexia, mas pode ocorrer isoladamente (BOSSA, 2000).

A Discalculia é uma dificuldade específica da aprendizagem da matemática. Indivíduos com discalculia enfrentam problemas para compreender conceitos numéricos, realizar operações básicas e interpretar símbolos matemáticos. A origem é

neurológica e independe do nível de inteligência do indivíduo (BUTTERWORTH, 2005).

As dificuldades de processamento auditivo referem-se a limitações na forma como o cérebro interpreta os sons recebidos pelo ouvido. Isso pode interferir na compreensão da fala, principalmente em ambientes com ruído, prejudicando o desempenho escolar (FERREIRA; GUBIANI; SCHOCHEAT, 2013).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades na comunicação social e por padrões repetitivos e restritivos de comportamento, interesses ou atividades. As manifestações variam amplamente entre os indivíduos, podendo afetar significativamente a aprendizagem e a socialização (AUTISM EVIDENCE-BASED PRACTICE REVIEW GROUP, 2009).

4 PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS NA INTERFACE ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO

Também, observou que a promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva exige mais do que boa vontade: requer planejamento fundamentado, escuta ativa e ações sustentadas em práticas baseadas em evidências (PBE). Esse conceito, originado na área da saúde, passou a ser amplamente adotado na educação visando integrar conhecimento científico validado à prática docente cotidiana, especialmente no trabalho com estudantes que apresentam necessidades educacionais específicas.

A aplicação de práticas baseadas em evidências se faz ainda mais necessária quando se tratam do atendimento a alunos com Dislexia, Disgrafia, Discalculia, Dificuldades no processamento auditivo e Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essas condições afetam diretamente como o estudante acessa, comprehende e interage com o conteúdo escolar, exigindo adaptações que sejam pedagógica e cientificamente justificadas.

A identificação precoce das dificuldades é uma etapa crucial para o planejamento pedagógico eficiente. Avaliações conduzidas por equipes interdisciplinares favorecem uma visão ampliada do estudante e permitem traçar estratégias que contemplam tanto os aspectos neuropsicológicos quanto pedagógicos.

Estudantes com transtornos de aprendizagem se beneficiam de estratégias como o ensino explícito e estruturado, com uso de pistas visuais, reforço positivo e segmentação de tarefas. Além disso, o uso de recursos tecnológicos, como softwares educativos e leitores de tela, tem se mostrado eficaz para promover autonomia, autoestima e maior engajamento.

No caso de alunos com TEA, práticas eficazes incluem ensino estruturado, uso de agendas visuais, reforço positivo e técnicas da análise do comportamento aplicada (ABA). A construção de um Plano Educacional Individualizado (PEI), articulando saúde e educação, é uma das formas mais eficazes de garantir o direito à aprendizagem desses estudantes.

O psicólogo no contexto educacional atua como elo entre saúde e educação, contribuindo para práticas adaptadas às realidades cognitivas, emocionais e sociais dos alunos. Também colabora na formação de professores, orientação às famílias e desenvolvimento de políticas educacionais inclusivas.

Estudos recentes (CASTRO, DR Thiago, pg.: 360; 2024.) apontam que “não existem tratamento de cura do autismo e nenhum remédio para TEA em si”. E que o único meio de tratamento são intervenções de ENSINO DE NOVAS HABILIDADES fundamentais à pessoa com TEA, seja porque é um marco do desenvolvimento que não foi atingido “naturalmente conforme a idade e precisa ser ensinada, nesse aspecto, exigindo-se habilidades para o exercício da autonomia ou do desenvolvimento intelectual, como o aprender a ler, escrever e fazer contas.” Outra vantagem é que por meio do ensino comportamento inadequado ou anti social são reduzidos.

Entende-se como COMPORTAMENTO INADEQUADO: autoagressão, gritos, entre outros (CASTRO, pg. 360 a 361. 2024).

Quanto às intervenções profissionais, mencionadas por Castro, são feitas para ensinar, como um terapeuta ocupacional que ensina a escovação dos dentes, ou podendo ser por um psicólogo clínico que ensina habilidades sociais, ou mesmo por um fonoaudiólogo que ajuda com a alfabetização, e também as escolas que trabalham casos típicos no desenvolvimento escolar (CASTRO, pg. 357. 2024).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência adquirida de estágio foi fundamental para compreender a aplicação da psicologia do desenvolvimento na prática pedagógica no cotexto escolar. Observou-se a importância de estratégias educacionais adaptadas, que respeitam as necessidades cognitivas e emocionais dos alunos, promovendo a inclusão e a aprendizagem significativa.

A utilização da Taxonomia de Bloom como ferramenta pedagógica foi eficaz para estruturar o ensino e garantir que os alunos com diferentes necessidades tivessem a oportunidade de aprender de forma concreta e funcional. O estágio também contribuiu para o crescimento profissional, reforçando a importância de um olhar sensível e empático na educação de alunos com necessidades especiais.

REFERÊNCIAS

AUTISM EVIDENCE-BASED PRACTICE REVIEW GROUP. National Professional Development Center on Autism Spectrum Disorders. University of North Carolina, 2009. Disponível em: <<https://autismpdc.fpg.unc.edu/>>. Acesso em: 27 jun. 2025.

2224

BLOOM, Benjamin S. Taxonomia dos objetivos educacionais: a classificação das metas educacionais. Livro I: domínio cognitivo. Tradução de Maria da Graça Souza da Silva; Maria do Carmo Sampaio. São Paulo: Cultrix, 1974.

BOSSA, Nadia A. A psicologia na educação: uma abordagem psicopedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2000.

BUTTERWORTH, Brian. Dyscalculia Screener. London: NFER-Nelson, 2005.

CASTRO, Thiago (Coord.). Simplificando o autismo para pais, familiares e profissionais. 2. ed. São Paulo: Literatura Books Internacional, 2024.

CAPELLINI, Simone Aparecida; GERMANO, Gláucia Dias. Avaliação e intervenção nos distúrbios de aprendizagem. Barueri, SP: Manole, 2004.

FERREIRA, Lilian C.; GUBIANI, Mônica B.; SCHOCHEAT, Eliane. Processamento auditivo e desempenho escolar. Revista CEFAC, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 129–137, 2013.

FRYLING, Mitch; JOHNSTON, Cristin; HAYES, Linda. Understanding applied behavior analysis: an introduction to ABA for parents, teachers, and other professionals. The Psychological Record, v. 61, n. 2, p. 265–280, 2011.

GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática.* 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

PIAGET, Jean. *A psicologia da criança.* 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.* São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança.* 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:

GUBERMAN, S. R. The development of everyday mathematics in preschool. *Journal of Applied Developmental Psychology*, v. 25, p. 179–196, 2004.

SMITH, T. et al. Implementing applied behavior analysis in inclusive settings. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, New York, v. 30, n. 5, p. 439–448, 2000.

WHO. World Health Organization. *International classification of functioning, disability and health: children & youth version: ICF-CY.* Geneva: WHO, 2007.

ZORZI, J. L.; CAPELLINI, S. A. Reconhecimento de palavras em crianças com dificuldades de aprendizagem. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 23, n. 71, p. 207–216, 2006.